

# AS AVENTURAS TRAUMÁTICAS DO FILHO DE FREUD: DA TRAGÉDIA À COMÉDIA NOS QUADRINHOS DE PACHA URBANO

**Marcelino Jorge da Silva Lira**

Professor FASNE/IESO/UNINASSAU

Doutorando/UNICAP

[platus.academeia@gmail.com](mailto:platus.academeia@gmail.com)

**RESUMO:**

O presente estudo tem o intento de visar a torção de natureza sublimatória nos quadrinhos *As traumáticas aventuras do Filho de Freud*, do autor Pacha Urbano. O autor utiliza o conceito do trágico complexo de Édipo, próprio da Psicanálise, que por essência é fruto de sofrimento pessoal, para suas histórias de natureza oposta, cômicas. Freud introduz, e de forma contrária à definição aristotélica, o complexo de Édipo como tragédia comum a todos os humanos, ao passo que Pacha Urbano retorna à comédia do humano comum, algo que por natureza psicanalítica está nas escalas próprias da tragédia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quadrinhos; Complexo de Édipo; Tragédia; Comédia.

**ABSTRACT:** The present study intends to aim at the sublimatory twist in the comic book “As traumáticas aventuras do Filho de Freud” by the author Pacha Urbano. The author uses the concept of Oedipus complex, proper to Psychoanalysis, which is essentially the fruit of personal suffering, to his stories of an opposite comic nature. Freud introduces the Oedipus complex as a tragedy common to all humans, contrary to the Aristotelian definition; while Pacha Urbano returns to the comedy of the common human, something that by psychoanalytic nature is on the scales of tragedy.

**KEYWORDS:** Comics; Oedipus Complex; Tragedy; Comedy.

Minha cegueira provocou injúrias tuas.  
 Pois ouve: os olhos teus são bons e todavia  
 Não vês os males todos que te envolvem,  
 Nem onde moras, nem com que mulher te deitas.  
 Sabes de quem nascestes? És odioso aos teus,  
 Aos mortos como aos vivos, e o açoite duplo  
 Da maldição de tua mãe e de teu pai  
 Há de expulsar-te um dia em vergonhosa fuga  
 De nossa terra, a ti, que agora tudo vês  
 Mas brevemente enxergarás somente sombras!  
 (SÓFOCLES, p. 38, 498-506).

### **A TEORIA FREUDIANA DO “COMPLEXO DE ÉDIPO”**

Freud foi uma criança diferente de tantas outras, pois desde cedo demonstrou especiais capacidades e inclinações. O seu interesse pelas ciências naturais é largamente conhecido, mas poucos sabem que ele tinha forte interesse pela literatura. Em especial, gostava da “literatura clássica”, aqui entendida como a grega e romana na Antiguidade. Roudinesco assevera que:

Desde a infância, Freud admirava os heróis rebeldes: conquistadores, fundadores de dinastias, aventureiros, capazes ao mesmo tempo de abolir a lei do pai e reinstaurar simbolicamente a soberania de uma paternidade vencida ou humilhada. (2016, p. 101).

Uma tragédia será usada como elemento basilar para edificação dos pilares de sua teoria, pois Édipo rei de Sófocles dará nome a uma série de características que são exploradas pela teoria. Uma delas é que os versos são dispostos de tal forma que dá a impressão que Édipo sempre soube que Jocastra era sua mãe. Normalmente, aos que desconhecem a tragédia, passa despercebida a informação. O saber que não chega a consciência é próprio da teoria freudiana, pois o inconsciente, bem como o material recalado, toma papel fundamental para a Psicanálise. O então nebuloso mistério do século XIX, a histeria, agora poderia ser investigado por via do inconsciente. Infelizmente as forças que fazem oposição às “representações pulsionais” não agem apenas para os conteúdos internos. De forma meticulosa, percebe que em determinada fase da vida, o que passou a chamar de complexo de Édipo seria a espinha dorsal da personalidade plenamente desenvolvida.

Então, o que seria o complexo de Édipo? Freud foi buscar em sua experiência pessoal para a questão. Segundo Gay:

Ele reconhecia que sua lembrança de “paixão pela mãe e ciúmes do pai” era mais do que uma idiossincrasia pessoal. Pelo contrário, disse a Fliess, a relação edipiana da criança com os pais era “um acontecimento generalizado na primeira infância”. (2012, p. 115).

Para a Psicanálise, entende-se o complexo de Édipo como a representação do desejo da criança pela pessoa que o cuida (normalmente o genitor, e do sexo oposto). Sendo assim, o garoto irá desejar a mãe. Não apenas isso. A desejará de tal forma que pretenderá a exclusividade de sua atenção, do seu carinho, de seu amor. O pai, por evidente, passará a ser o rival a ser vencido para obter a exclusividade sobre a mãe. Essa etapa do desenvolvimento, segundo Freud e muitos psicanalistas, é fundamental para passar para a fase adulta, pois dá alicerce a questões éticas a serem internalizadas e alimentarem o superego, que é o sensor moral da atividade humana. Fique claro que quando o termo “pai” e “mãe” são empregados em Psicanálise, não se quer dizer no sentido literal, mas em lugar simbólico a ser ocupado. O “pai” pode ser um padrasto, a mãe, pode ser uma cuidadora, e assim por diante. Laplanche e Pontalis apontam o complexo de Édipo como:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo de morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, as duas formas se encontram em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. (2008, p.77)

O dilema da tragédia que vive cada ser humano é que o seu oponente é desproporcionalmente potente. Na visão do infante, caso o opositor descubra as intenções dele é capaz de destruí-lo facilmente. Então a escolha passa a ser entre abrir mão do desejo percebido até então como amoroso e persistir nesse amor e sucumbir à destruição. Quando o complexo de Édipo ocorre nos meninos, essa destruição normalmente está ligada à castração,

pois é nessa fase (fálica) que os garotos descobrem prazeres sensoriais na manipulação peniana (FREUD, 2013/1910, p. 271). As meninas entram no complexo de Édipo, segundo Freud, pela via da sensação de falta do pênis, de incompletude, e até mesmo de inveja do pênis (FREUD, 2010/1933, p. 281).

Os contornos psíquicos são trágicos, uma vez que se fere gravemente a onipotência do narcisismo infantil. O clima de hostilidade criado, ainda que algumas vezes bem disfarçado, percorre todo o núcleo familiar. Essa fonte de sentimentos ambivalentes que perdura até a vida adulta, gerando discussões fraternais sobre quem é o preferido ou das “injustiças” cometidas pelos pais em algum momento. Questões bastante “familiares”. Freud diz que:

Os sentimentos despertados nessas relações entre pais e filhos e nas dos irmãos entre si, que são apoiadas naquelas, são de natureza não só positiva, afetuosa, mas também negativa, hostil. O complexo assim formado é logo reprimido, mas continua a ter um efeito grande e persistente a partir do inconsciente. (FREUD, 2013/1910, p. 274-275).

Em poucas palavras, “a lei” imposta pelo complexo de Édipo apresenta para o infante a possibilidade de aniquilação, o limite de um destino inarredável, o sentimento de culpa por uma transgressão que agora passa a ser internalizada entre outros.

Toda essa batalha interna tende à resolução. A resolução do complexo é o abandono do amor, tendo em vista que o oponente é plenipotente. Independente de sua presença física, o vínculo filial (biológico ou social) impede o acesso da criança para com seu pai ou mãe. A resolução dessa condição passa pelo medo de castração, destruição e abandono, que são demasiados para um aparato psíquico suportar, senão incorporando a força sensória externa para o que é denominado de superego. Esse superego fará parte do indivíduo sendo um “senso moral” que lembra ao indivíduo quais atitudes são boas e recomendadas e quais são as ruins ou desrecomendadas. Qualquer atitude, pensamento ou sentimento percebido como contrário aos ditames do superego é percebido através de uma sensação desagradável, como uma “dor de consciência”. Revezes na vida algumas vezes são percebidos como uma vingança divina, como o próprio Édipo de Sófocles o faz, quando ressalta que todo o infortúnio era imposto por Apolo. Há uma relação entre a atribuição da punição de um “pai-lei” com a afirmação de Édipo. Para Ferenczi: “Em outras palavras, era o sol (Apolo Febo), o mais tirânico dos símbolos paternos, que o herói não devia voltar a olhar no rosto; poder-se-á ver aí um segundo fator determinando o deslocamento da punição de

castração para os olhos vazados.” (2011, p. 238). A potência do pai, capaz de punir, castrar, destruir é evidente, e a incorporação dessa lei, por meio da formação do superego.

### TRAGÉDIA OU COMÉDIA DA VIDA COTIDIANA?

O teatro grego influencia diversas expressões artísticas, e parte do chiste dos quadrinhos de Urbano recai sobre a brincadeira dos conceitos de tragédia e comédia. Por isso cabe algumas palavras sobre eles. São composição do teatro grego alguns elementos comuns, dos quais destacamos *dianoia* *διανοια* (tema), *mythos* *μυθος* (argumentação, roteiro), *mimesis* *μιμεις* (imitação), *anagnosis* *αναγνωσις* (reconhecimento, identificação), *catarse* *καθαρση* (purgação). Um tema é elencado pelo autor para que seja desenvolvida uma argumentação, flanqueada pela música, coro e atuação. Essa imitação de vida cotidiana cria uma identificação do espectador com a apresentação, revolvendo sentimentos pessoais e criando ponte psíquica entre o que é posto e o que se sente (empatia), produzindo uma purgação de seus próprios sentimentos. Ainda que de maneira grosseira e simplificada, o teatro vem a oferecer ao espectador uma “jornada psicológica”.

A tragédia é citada como a junção de dois termos *Τραγος* e *ωδη*, significando o “canto do bode”. De acordo com Aristóteles:

A tragédia é a imitação de uma ação elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada, por formas diferentes em cada uma das partes, que se serve de ação e não de narração e que, por meio de compaixão e do temor, provoca a purificação das paixões. (ARISTÓTELES, 2006, p. 47-48).

O gênero teatral em homenagem a Baco é visto como superior aos outros, e possui precedência também temporal sobre eles. Outro fator também é relevante à tragédia. Os temas e sentimentos tratados devem ser considerados “superiores” em seu trato de conduta ética. Os personagens são extraordinários como deuses, semideuses e heróis. São exemplos de virtude ou, na falta dela, de temor pelas consequências.

O temor e a compaixão podem, realmente, ser despertados pelo espetáculo e também pela própria estruturação dos acontecimentos, o que é preferível de um poeta superior. É necessário que o enredo

seja estruturado de tal maneira que quem ouvir a sequência dos acontecimentos, mesmo sem os ver, se arrepie de temor e sinta compaixão pelo que aconteceu; isto precisamente sentirá quem ouvir o enredo do Édipo. (ARISTÓTELES, 2006, p. 63).

Os festivais onde eram apresentadas as tragédias podiam conter disputas entre autores, onde apenas a elite era convidada a julgar, deixando o comum, visto como vulgar, fora do círculo interno, ainda que mesmo os escravos fossem admitidos para contemplar os espetáculos.

A palavra comédia é a justaposição de dois termos, que são *Χομος* e *ωδη*, e podem significar um canto orgiástico. “Um falo de tamanho descomunal estava à vista e, segundo Aristófanes, deixava em transe de êxtase as raparigas. Eram vestígios do cortejo inicial, em que o falo figurava como estandarte.” (FREIRE, 1985, p. 242). Embora o sexo não fosse de todo um tabu na sociedade helênica antiga, o modo como era tratado poderia ser tratado com reprimenda.

É visto como um estilo menor, que surgiu depois da tragédia. Não trata de “superiores”, mas de aspectos hodiernos de pessoas, em geral, comuns. Diferente do estilo trágico, o julgamento era feito por pessoas do povo, comuns, e muitas vezes selecionadas na platéia. Diz Aristóteles que:

A comédia é, como dissemos, uma imitação de caracteres inferiores, não, contudo, em toda a sua vileza, mas apenas parte do vício que é ridícula. O ridículo é um defeito e uma deformação nem dolorosa nem destruidora, tal como, por exemplo, a máscara cômica é feia e deformada, mas não exprime dor. (2006, p. 45-46).

Não escapa também da comédia algumas críticas sociais, onde são alvos pessoas da aristocracia e mesmo governantes. Podemos apontar que a comédia é a experiência humana comum, vulgar e hodierna, ao passo que a tragédia trata da experiência de poucos, os melhores.

## **AS TRAUMÁTICAS AVENTURAS DO FILHO DE FREUD**

*Filho do Freud* é uma série publicada na internet desde 2012, contando com centenas de tirinhas publicadas, mais de 450 mil seguidores no Facebook, mais de 60 mil seguidores no Instagram, tendo sido indicada ao Troféu HQ MIX na categoria web tiras por dois anos consecutivos (2013

e 2014) e com traduções para o inglês, o francês e o espanhol. Como seria a experiência de ser filho do “pai” da Psicanálise? Como seria a relação com Freud na figura paterna? Quais seriam as dificuldades de um primogênito diante das interlocuções do Dr. Sigmund Freud? Este foi o ponto de partida da série *Filho do Freud*, que nasceu num pequeno caderno de desenho durante uma aula de Psicanálise e Educação na UniRio, onde o autor cursava Pedagogia, depois da exibição de uma cinebiografia sobre Freud. Segundo Pacho Urbano:

Na faculdade, assistíamos a uma cinebiografia sobre Freud. Ao ver a vida atribulada e tão devotada de Freud ao trabalho pensei: “Deve ter sido horrível ser filho deste cara.” Então me ocorreu a ideia para uma tirinha e a rabisquei em meu caderno de desenhos. (2013, p. 86).

Os dois primeiros volumes em papel: *As Traumáticas Aventuras do Filho do Freud – Quem é esse tal de Édipo?* (2013), e *As Traumáticas Aventuras do Filho do Freud – Onde está o meu falo?* (2015) foram publicados pela Editora Zás!. Em 2017 foi lançado o terceiro e último volume: *As Traumáticas Aventuras do Filho do Freud – Por que tudo é sexual?*, que contou com uma campanha de financiamento coletivo e com a edição e distribuição da Editora Viés, fechando a “Trilogia do Trauma”.

Os desenhos possuem traços simples, arredondados, muito mais voltados para o infantil, mostrando uma ludicidade característica, ainda que o tom da primeira tirinha já indique onde o autor quer chegar. É uma cena onde aparece o personagem principal, o filho mais velho de Freud – Jean-Martin, em idade própria da fase fálica e passando pelo complexo de Édipo. Está com uma capa vermelha e uma cueca na cabeça. Vai ao encontro de seu pai que está sentado em uma poltrona, fumando charuto e lendo o jornal, e diz: “Papai, olhe pra mim: Eu sou o superego!”. É rechaçado com um: “Você é ridículo!”. Jean-Martin sai decepcionado exclamando: “Eu te odeio papai!”, ao que é respondido com um: “Eu sei...” (URBANO, 2013, p. 10).

As ~~Fantásticas~~ <sup>TRAUMÁTICAS</sup> Aventuras do Filho do Freud por Pacha Urbano



As ~~Fantásticas~~ <sup>TRAUMÁTICAS</sup> Aventuras do Filho do Freud por Pacha Urbano



Várias são as tiras onde a castração é explorada, onde aparece um Freud severo e sisudo, com sobrancelhas levantadas nas pontas e boca puxada pra baixo sempre revelando um péssimo humor. Em uma tirinha Freud vê Jean-Martin brincando com uma espada feita de balão de ar e diz que aquilo é um pênis. Estoura o balão com o charuto e vê seu filho sair chamando a mãe. Chama-o de frouxo. (URBANO, 2013, p. 11). Em outra tirinha Freud diz ao feliz Jean-Martin que a nota “A” que ele tirou, em sua época, seria considerada nota baixa. Quando questionado do motivo pelo qual fez aquilo, fala que foi para dar incentivo! (URBANO, 2013, p. 13). Tira que chama a atenção sobre o tema de castração é a da página 34, onde Jean-Martin apresenta as resoluções para o ano novo e uma, e a primeira, delas é “ter a aprovação do pai”. Freud retruca dizendo que “esse item deveria ser vitalício”. Ao ser chamado de detestável, Freud responde que ser detestável é item da lista dele. (URBANO, 2013, p. 34). Todas essas referências dizem respeito ao papel da lei que impede o exercício do prazer, de um pai onipotente e tirânico, como a referência ao pai da horda primitiva. Um pai agigantado que provoca sentimentos ambivalentes em relação ao filho. “Sem dúvida, o violento pai

primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos” (FREUD, 2012/1912-13, p. 217). Esse o antagonista das aventuras de Jean-Martin...

Em oposição a Freud “levanta-se” Jean-Martin, o herói (!) e protagonista do quadrinho, que na maioria das vezes está alegre. Um menino que gosta de brincar e de (e se) fantasiar. Superego (URBANO, 2013, p. 10), salsicha (fantasia interpretada como fállica; URBANO, 2013, p.18), índio que atira flechas em Freud (flechas interpretadas como falos atirados em Freud; URBANO, 2013, p. 11), de dama (referência à bissexualidade psíquica; URBANO, 2013, p. 22), Gregor Samsa (Referência à Kafka; URBANO, 2013, p. 31), Sherlock Holmes (referência a investigação da vida sexual e das próprias sensações sexuais; URBANO, 2013, p. 33), Nietzsche (referência ao reconhecimento de Freud a Nietzsche como “psicólogo”; URBANO, 2013, p. 41), “Super-homem do Zaratušta” (tal como no comentário sobre Nietzsche; URBANO, 2013, p. 42), entre outras fantasias. Enquanto na mitologia grega os humanos se levantam em geral contra as forças da natureza, Jean-Martin se levanta contra a força do destino e da adversidade, como nas tragédias. Suas fantasias infantis e seus desejos estão sempre esbarrando em dados de realidade que são apontados por Freud. O “não” sempre presente como impossibilidade fática ou ética de concretização.

Como toda criança que está passando pelo complexo de Édipo, Jean-Martin está sempre desejando a sua mãe só para si, quer destruir o pai e tomar seu lugar, se livrar dos irmãos, descobrir como nascem os bebês.



As ~~Fantásticas~~ <sup>TRAUMÁTICAS</sup> Aventuras do Filho de Freud por Pacha Urbano



No quadrinho, a sua irmã Anna também tem papel importante nessa apresentação da realidade. Ela sempre está tentando imitar o pai, respondendo asperamente Jean-Martin, fumando charuto e tentando analisar os pacientes do pai. Faz o possível para menoscar o irmão, e qualquer brincadeira ou empreitada dele é classificada como ridícula ou infantil. Anna não se comporta como uma criança típica, e sim como uma adulta. Fica exposto nas tirinhas a intensão edipiana de Anna de casar-se com o pai, chegando a confessar a ele seu desejo de matar a própria mãe (Marta Bernays), esposa de Freud.

O quadro pintado por Urbano é uma evidente e proposital caricatura com a finalidade de produção do humor. De acordo com Jones:

Os filhos tinham, como os pais, um senso de humor bastante desenvolvido, de modo que a vira era cheia de piadas, podendo haver também algumas implicâncias. Mas nunca uma atitude mal-humorada ou temperamental. Nenhum dos filhos se lembra das brigas entre ele ou muito menos com seus pais. (JONES, 1989, p. 385).

Essa “licença poética” referente à distorção da realidade é admitida pelo autor (URBANO, 2013, p. 84-85) e tem a evidente intenção de provocar o riso.

### TRAGÉDIA OU COMÉDIA DE JEAN-MARTIN?

Ser o personagem principal de uma tragédia não pertencia ao comum, cabendo apenas ao extraordinário. Freud eleva qualquer ser humano à condição de ser parte de uma “tragédia comum”, algo que é impensado

para a caracterização aristotélica, ao que se dá o nome, em Psicanálise, de complexo de Édipo. Também ancorada em suas próprias características, dentro dessas demarcações, a tragédia implica em um elevado nível de tensão durante a narrativa e tem por desenlace um fim terrível. Quando a teoria freudiana faz uso da tragédia de Sófocles não aponta necessariamente o “fim”, e este não é de todo “terrível”, pois há uma tendência natural para a “resolução” do complexo de Édipo, e que embora deixe suas inscrições e suas marcas, edifica a pessoa “normal”. O uso da tragédia, então, sofre, no mínimo, duas torções básicas em relação ao conceito aristotélico. Uma delas é que a tragédia, anteriormente destinada para deuses, semideuses e heróis agora é acessível ao protagonista da vida comum, para todos os seres humanos. Por outro lado, o fim que causa comoção e mesmo demonstração de altivez por parte dos personagens, agora tem o seu desenlace produtivo. A maioria das pessoas passa pela tragédia do complexo de Édipo e continuará suas vidas sem maiores complicações. Eventualmente algumas “feridas” e “cicatrizes” aparecerão, denunciando um conflito, mas o “herói comum” sobrevive e continua a sua jornada.

Urbano, por seu turno, usa situações cotidianas para aproximar o leitor das “traumáticas aventuras”, criando uma identificação do leitor com Jean-Martin, e evocar nele leitor as experiências pessoais comuns. Curiosamente o nível de tensão da narrativa das tirinhas de Urbano é mantida alta, mas a referida energia psíquica é aproveitada de outra forma. A tensão trágica do conflito edipiano é usada como chište. A ingenuidade que é própria do infantil na procura do conhecimento de questões sexuais, a expressão e fala do que é recalcado (o desejo de Jean-Martin pela mãe – em sua exclusividade - e o desejo de destruir o pai que atrapalha essa pretensão), a descoberta da diferença sexual e de seus papéis entre outros compõe elementos de aumento de tensão que acabam por tocar em elementos recalcados ou reprimidos na história pessoal do leitor. Uma das formas que o leitor tem para colocar essa carga energética para fora é o riso (Cf. FREUD, 2017/1905). O personagem de Jean-Martin lida com os seus infortúnios com criatividade e busca sempre se desvencilhar das ameaças e fustigações do seu meio. Seja barrado por seu pai, ou mesmo por sua irmã, sempre arranja formas de sobressair-se. Esse narcisismo natural da idade, e identificado com o próprio narcisismo do leitor (atual e também mnemônico da infância) cria adesão e mesmo o chište. Segundo Freud:

O traço grandioso está claramente no o triunfo do narcisismo, na vitoriosa afirmação da invulnerabilidade do Eu. Este se recusa a

deixar-se afligir pelos ensejos vindos da realidade, a ser obrigado a sofrer; insiste em que os traumas do mundo externo não podem tocá-lo, mostra, inclusive, que lhe são apenas oportunidades para a obtenção de prazer. Essa última característica é absolutamente essencial no humor. (2014/1927, p. 325).

Quando os textos são comparados, surge algo curioso. Na perspectiva aristotélica, a tragédia é algo onde os protagonistas são figuras proeminentes em diversos aspectos. Demonstram um inquebrantável valor, inclusive, por suportarem o sofrimento com austeridade e aparente resignação. O fim da tragédia é terrível, e atinge de tal forma a plateia que causa comiseração e catarse. É o que ocorre com Édipo na narrativa de Sófocles. Freud utiliza-se da tragédia de Sófocles para transformar todas as pessoas em protagonistas de sua própria história. O infortúnio da oposição ao desejo, em especial ao desejo próprio do complexo de Édipo, toma contornos trágicos. Há, contudo, diferenciações pelo fato do complexo de Édipo freudiano comportar a todos os seres humanos, não cabendo apenas aos “melhores”. É uma “tragédia comum” onde o herói cotidiano, no mais das vezes, consegue transpor o obstáculo, ainda que saia “ferido” do conflito. Urbano capta a questão do herói comum e repatria o conceito do “comum aristotélico” para o humor, extraído da experiência traumática do cotidiano do personagem e dos leitores o seu substrato. Como o conteúdo do complexo de Édipo revolve pulsões recalçadas, tratar delas de maneira humorística causa ao leitor uma sensação de revés e superioridade à sua própria experiência traumática, com fortes toques de sublimação sobre um processo tão sofrido.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente e prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.

FERENCZI, Sándor. A figuração simbólica dos princípios de prazer e de realidade no mito de Édipo. *Obras completas*. Tradução de Álvaro Cabral e revisão técnica de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 231-24. (v. I).

FREIRE, Antônio. *O teatro grego*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1985. (Coleção textos universitários, v. 7).

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. A dissolução do complexo de Édipo. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011/1924, p. 203-213. (v. 16).

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Cinco lições de Psicanálise. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013/1910, p. 220-286. (v. 9).

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Novas conferências introdutórias à Psicanálise. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010/1933, p. 124-354. (v. 18).

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. O chište e suas relações com o inconsciente. Tradução de Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017/1905. (v. 7).

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. O humor. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014/1927, p. 322-330. (v. 17).

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Totem e tabu. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012/1912-13, 13-244. (v. 11).

GAY, Peter. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann, consultoria editorial de Luiz Meyer. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (v. 2).

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. Tradução de Paulo Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Tradução de André Telles e revisão de Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SÓFOCLES. *A trilogia tebana: Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

URBANO, Pacha. *As traumáticas aventuras do filho de Freud – Quem é esse tal de Édipo*. Rio de Janeiro: Zás, 2013.